O ANARQUISTA É ESSENCIALMENTE REVOLUCIONARIO

AÇÃO DIRETA

MENSARIO ANARQUISTA

Diretor : JOSÉ OITICICA

Administrador : MANUEL PERES

Redação : AV. TREZE DE MAIO, 23 - 9.° ANDAR - SALA 922

ANO 9 — N.° 111 | Rio de Janeiro, Outubro de 1956 | PREÇO : Cr$ 2,00 | CAIXA POSTAL 4.588

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.° 6, sala 1101, endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

Ante os Partidos Políticos Todos Falídos, Ergue-se o Anarquismo !

Cristalina verdade: **todos os partidos políticos falharam!**

JOSÉ OITICICA

Faliu a monarquia! Os vastos impérios morreram ou vão morrendo. Afundou-se o tzarismo; a guerra de 1914 soterrou o Kaiserismo; a Inglaterra liquida-se depressa e mal se aguentam os monarcas de Yolanda, Suécia, Noruega e quejandos. Tenta disfarçar-se, a mísera, por trás de **democracias** carnavalescas, de máscara rôta, a de Salazar, a de Franco, algumas sulamericanas. São entremeções da agonia.

Faliu o republicanismo, o europeu, como o americano, como o de tôda parte. O francês, por exemplo, colonialista, militarista, com assomos socialistas, afunda-se nos transes de uma derrocada inevitável, incapaz de sustentar seu **panache** na Indochina, na Argélia, em Marrocos, em tôda parte onde flutuava o pavilhão tricolor e se cuvia o tarantantan da Marselhesa.

Faliu, de todo em todo, o socialismo de várias castas e côres, o da direita, o do centro, o dito da esquerda, o chamado revolucionário e, por fim, o socialismo cristão!!! Todos êles são crentes do Estado, incondicionais defensores da propriedade privada, intangível, sagrada. Nenhum dêles condena a guerra, as manobras bancárias, a agiotagem, as lutas comerciais, a exploração organizada, as confrarias parasitárias.

Os homens, no entanto, vão compreendendo que nenhum dêsses sitemas soluciona a crise humana; nenhum dêles, por mais democráticos os programas formulados, resolve o mais insignificante problema; nenhum dêles pode conceber sequer uma sociedade sem dinheiro, sem chefes, sem aparelhos de compressão, sem presídios, sem policiamentos.

Se examinarmos, calmamente, os profissionais dos partidos, verificamos o que sucede atualmente nos Estados-Unidos: são todos iguais. São, além disso, forjados, a sabendas, para não serem cumpridos, mal as circunstâncias contrariem os interêsses dos mandões.

Nesta palavra **mandões** resume-se tôda a seiva dêsse regimes.

Há, nos partidos políticos, sempre, alguns mandões cercados de turiferários. Êstes os incensam para, a custa do seu prestígio, viverem vida folgada.

Ante a turba salafrária dos partidos, um movimento há diàmetralmente oposto, oposto ao Estado, oposto à propriedade particular ou estatal, oposto a qualquer tipo de moeda, oposto à compra e venda, ao negócio, à agiotagem, oposto às igrejas, profissionais da **salvação**, oposto a qualquer milícia, a qualquer opressão, oposto a qualquer lei votada por maiorias de representantes e imposta à grei humana, oposto a partido, a eleições, a delegações de poderes, oposto ao regime do salário, a patrões individuais ou coletivos.

Êsse movimento é o anarquismo; mas, note-se bem, o anarquismo **revolucionário:** Meditem bem nesta palavra: **revolucionário:** o da Espanha em 36; o da Itália na ocupação das fábricas em Milão; o que viçava no Rio e em S. Paulo de 1913 a 1920.

Sim! porque há outro anarquismo a que chamarei: **diletante,** um anarquismo cognominado por Lênin **pequeno burguês,** o anarquismo côr de rosa que Makimo foi achar faquirizado em Gulai-Pole, o que vi na Alemanha e na França em 1931 e em que Rocker tentou debalde injetar alguns centigramas de compreensão e vitalidade.

Êsse da Alemanha era bem característico. Em 1931, apareceu em Hamburgo, o renomeado anarquistas Pierre Ramus (pseudônimo de Rudolfo Grossmann), redator do célebre periódico **Erkentniss und Befreiung.**

Iá fazer conferências sôbre Gandhi.

Nessa época, já hitleristas e comunistas pelejavam a **cinturão,** nas ruas de Hamburgo. O nacional-socialismo, o fascismo de Hitler, conquistara quatorze cadeiras no parlamento, os judeus acompanhavam, apavorados, o progresso dêsses energúmenos; meu amigo judeu Gottlieb fugiu para a Suiça; outros amigos, também judeus, emigravam para a América; estava erguida contra tôda a Europa, especialmente contra os liberais e, acima de tudo, contra os anarquistas, a ameaça tremenda, a destruição incomplacente.

Pois bem. Os anarquistas de Hamburgo reuniam-se às quintas feiras para conversa com Pierre Ramus sôbre problemas sociais.

Que discutiam? A defesa contra Hitler? Os meios de transformar o regime econômico do mundo? A greve geral revolucionária para arrostar a loucura nazista?

Nada disso. Discutiam se Krisknamurti era ou não anarquista. Discutiam a moralidade do anticonceptunalismo e os processos anti-concepcionais. Discutiam tudo, menos a atitude urgente contra Hitler.

Em Paris, fui visitar **Le Libertaire.** Encontrei alguns companheiros. Estavam desanimados. A situação era a da mesma displicência: um anarquismo intelectual, bem falante, acomodatício, individualista, à Armand, à Han Ryner, por assim dizer anti-revolucionário.

Não sei se a situação mudou. Parece que não. O apêlo dos companheiros búlgaros no exílio e a criação dos grupos anarquistas de ação revolucionária comprovam minha suposição.

E isso não pode continuar. O mundo aproxima-se da falência capitalista. As nações superprodutoras viviam das colônias, suas freguesas, ou dos países meramente agrícolas como a Rússia, a América do Sul, a Ásia.

Os tempos mudaram. Êsses países se industrializam como a Rússia, o Brasil, a India, a China. Em breve quererão exportar também.

O resultado é a impossibilidade de vender, a superprodução sufocante e a falência irremissível.

Que nos cumpre ir fazendo desde já? Palestrar sôbre anarquismo à mesa dos cafés? Organizar tertúlias literárias nas sedes sociais ou festinhas com recitativos e saraus dançantes à burguesa?

Não! Nossa tarefa há de ser mais revolucionária que nunca. Temos de atuar entre os trabalhadores abrindo-lhes os olhos contra os políticos, contra os líderes sindicais, contra as leis trabalhistas, contra a fiscalização e-s tatal, dizendo-lhes qual o caminho certo aos primeiros sintomas de derrocada geral. Nossa missão urgente, sem demora, sem vacilações é a de preparar o proletariado para apressar a falência burguesa e promover a instalação da Anarquia.

Cruzar os braços, afundar-se numa narquinismo paspalhão, chá com torradas, perfumado e mascador de chicklets é trair o próprio anarquismo; é ser tudo, menos anarquista.

O anarquista é essencialmente **revolucionário.** Qualquer outra feição é degenerescência, anemia, doença irremediável, suicídio lento.

A Nova Lei de Imprensa

Primeiro Passo para a Ditadura

Fala-se e protesta-se contra a nova lei de imprensa por apresentar-se à Câmara dos Deputados, com o ultimatum de uma aprovação a toque de caixa. Cochicha-se, nos ministério, nas repartições públicas, nos cafés e nas escolas. Protesta-se nos sindicatos, na A.B.I., e através dos jornais, e tudo isso porquê?

E' que todos têm a intuição de que a nova lei da mordaça e do silêncio é o primeiro passo para o lodaçal que se chama ditadura. O povo brasileiro está em frente de um terrível abismo, de um tremedal. Se não reagir rápida e vigorosamente, arrebatar-lhe-ão o que de mais sagrado conquistou: a liberdade de opinião escrita e falada.

A polícia praticou os primeiros ensaios, assaltando dois jornais e uma revista ao serviço de um partido reconhecidamente conservador. Rebelde é certo, luta êsse partido pela conquista do poder, do poder que homens de bem, partidários da máxima liberdade, da máxima igualdade, repudiam. E' verdade que levantaram uma ponta do manto governamental, para que aquêles que não são cegos vissem as chagas, mas não é menos verdade que querem conquistá-lo assim mesmo. E para pôr têrmo ao gesto de rebeldia, que se vem processando, por parte dos referidos jornais, eis a nova lei de imprensa, a lei do silêncio.

Nós, anarquistás, reivindcamos a liberdade máxima, sem alianças ou conchavos com grupos ou partidos. Pretendemos continuar a nossa obra de doutrinação sem deixarmos de reconhecer o mal que fizeram os votos dos partidários do Capitão Prestes. Triste e vergonhoso desastre, ridícula e infeliz atitude, maldito dinheiro que compra votos! Calculem o que pensaria êsse rebanho que segue a orientação do ex-Cavaleiro da Esperança se tivessem cabeça para usá-la pensando, ou soubessem refletir.

Como achariam ignominoso o incitamento dos jornais de Prestes em tôrno dos que hoje desfecham os primeiros tiros sôbre a democracia, tentando assassinar a liberdade. Que dirá com seus botões o chefe supremo dos bolchevistas do Brasil, ao ver a sua imprensa ameaçada de ter de silenciar por ordem dos homens a que, em letras garrafais, chamava "nossos candidatos", e a quem mandou telegramas de felicitações e apôio pelos golpes de 11 e 21 de novembro. E — fato repugnante — deu instruções a seu deputado na Câmara p a r a que trabalhasse a favor do primeiro estado de sítio.

Mas deixemos os escravos de Moscou a meditar na responsabilidade que lhes cabe sôbre a nova lei da mordaça e do silêncio e apreciemo-la a nossa modo.

Que significa a nova lei de imprensa? Govêrno forte e durável? Progresso e empreendimentos honestos e honrosos? Não! Um govêrno nunca é forte quando, para governar, precisa de empregar a fôrça das armas, para silenciar os discordantes. Fôrça, violência é máquina geradora de ódios, de vinganças, com trágicos efeitos. A opressão é o que mais aviva o espírito de revolta. E é essa revolta, êsse combate sistemático aos males sociais que os governantes e seus mais diretos colaboradores pretendem abafar, para que os magnatas do cruzeiro e da política possam proceder à colheita em seara alheia.

Medidas extremistas obrigam, quando muito, o discordante a obedecer, mas não convencem. Hostilizam, não pacificam. Os governos, que pensam que para governar uma nação precisam açaimar os seus adversários, são ditadores disfarçados, são governos fracos, em decadência. A fôrça nada constrói, apenas encobre temporàriamente deficiências de regência.

O homem, branco ou prêto, quando p r o c e d e corretamente, quando não tem males escondidos, não teme a liberdade de imprensa, por mais violenta que esta se apresente. O que preocupa os governos havendo liberdade (e para isso mantém a polícia vigilante) é quando suas vidas estão prêsas a escândalos, a negociatas. A liberdade torna-se, então, perigosa e agressiva. Impedir de pensar em voz alta é como que impedir o Sol de brilhar sôbre a Terra, é vedar aos outros aquilo que nunca permitiríamos que nos fizessem. E' a violência convertida em lei. E' a medida mais extremista, que não exige nem permite raciocínio, que não reconhece direitos, não tolera a razão, assassina a moral e a cultura, é a mãe do mal, da vilania, da ignorância com que se mascaram os governos ditatoriais. A lei-violência progride com ferocidade quando posta em prática por gângsteres internacionais, para os quais não há verdade, razão ou justiça.

E' êste aspecto que o trabalhador não apreciou conscientemente. Se o fizesse, observaria que um passo dos seus dado em falso é severamente punido, enquanto os escamoteadores de cartola caminham, quilômetros e quilômetros, no lodo da política financeira e são tratados por Sua Excia.

O povo éa alavanca móvel com a qual os políticos galgam o poder. Reparem no "aplomb" com que os candidatos à governança se sentam na poltrona em que o povo o colocou. O político não conhece o povo, ri-se da sua miséria, tudo faz para mantê-lo na ignorância. E o povo dá-lhe o seu voto, para que o político mais fàcilmente possa amordaçá-lo, submetê-lo ao silêncio.

Tu, que votaste num democrata ou num ditador, acaso outorgaste, com teu voto e o dos teus, ao candidato eleito poderes para impedir a liberdade de imprensa? Se o não fizeste, cabe-te protestar e exigir o respeito ao pensamento dos outros, ainda que êste nos desagrade.

O povo é escravo dos preconceitos e êstes o impedem de raciocinar, de ver que a polícia encobre os ladrões de luva branca para prender os pés descalsos, os maltrapilhos que roubam para comer.

Vejamos de relance os métodos do govêrno. O leiteiro mistura água ao leite, ou deita-o fora para obter aumento de prêço. Mas nada lhe sucede. A lei protege-o. O padeiro rouba no pêso do pão e faz mil e uma mixórdias. Mas nada lhe acontece. A lei protege-o. Os tubarões elevam, constante e avassaladoramente, o custo de vida. Mas nada lhes sucede. O govêrno protege-os, porque êles têm dinheiro. A "Light" aumenta o preço do bonde, com autorização do govêrno e, quando os estudantes protestam, a Polícia e o Exército vem à rua espancá-los. Enquanto a Polícia assalta os jornais por êstes proclamarem as verdades, deixam em paz os comerciantes, ose xploradores e os falsificadores, os contraventores de tôda espécie. Os legisladores pedem e obterão a lei-mordaça mas nada farão contra os traficantes para proteger êsse miserável, faminto e descamisado que lhe deu seu voto.

E o povo continua ingênuamente a eleger os que o exploram com promessas. E' preciso que o povo tenha presente que os governos não são mais nem menos que autômatos nas mãos de grupos financeiros a quem servem. A nova lei de imprensa não é outra coisa que uma imposição dos tubarões que pretendem esconder suas negociatas, seus roubos.

Os anarquistas não podem deixar sem protesto a pretendida lei da mordaça, da qual só os governos fracos, os ambiciosos e os que tem defeitos que encobrir se s e r v e m. Essa lei assassina, gradualmente, a mentalidade do povo, cria rebanhos de cegos e de surdos e é o que os governos pretendem.

Abaixo pois a lei rolha, a lei do silêncio.

VARLIN

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

A Propósito do Apêlo dos Companheiros Bulgaros

Por José Oiticica

Como preliminar ao exame dêsse apêlo publicado em nosso número passado, lembrei-me de uma alocução feita a companheiros do Rio durante o govêrno do marechal Dutra.

A situação para nós ainda não mudou e muito cousa nessa alocução é resposta antecipada às dúvidas e desconsolos dos camaradas búlgaros.

OS SINDICATOS NO BRASIL DE HOJE E A AÇÃO ANARQUISTA.

A leitura do artigo **Bertoni e il movimento operaio** publicado em **IL risveglio anarchico** de 1 de maio e assinado por C. F. suscitou-me a idéia de analisar a situação dos sindicatos no Brasil, tais as concordâncias entre as opiniões de Bertoni e o aspecto real dêsse organismo entre nós.

Diz o articulista que Bertoni não tinha ilusões quanto à mentalidade do operário, em geral, e cita o seguinte: "Não adianta dissimular (dizia Bertoni, em 1902, na parte francêsa do jornal) a maioria dos operários não concebe o sindicalismo senão como adaptação ao sistema econômico atual e não como instrumento para sua supressão". E acrescentava: "Os operários não são revolucionários; têm apenas vaga necessidade de melhorar, desejo, mas, raramente, vontade". Clamava ainda Bertoni, nessa época remota (45 anos), contra "a ação nefasta e reacionária daqueles politiqueiros de etiqueta socialista que se afincam a amputar o movimento sindical do seu caráter de classe e privá-lo de todo espírito combativo".

Em 1904, numa série de artigos sôbre a **Organização operária e a anarquia,** assim resume seu modo de ver: "Digamos francamente, o sindicalismo não tem por escopo estabelecer e manter entendimentos entre trabalho e capital, senão o de combater êste último com tôdas as armas. Pode, às vezes, firmar com a classe patronal tréguas mais aparentes que reais, porém sempre alerta para reassumir a ofensiva mal as circunstâncias pareçam propícias".

Mau grado essa concepção haurida dos fatos, Bertoni militava nos sindicatos, evidentemente por estar capacitado de que nosso dever de anarquista é manter sempre, quando nada, um mínimo dêsse ardor combativo sem o qual o sindicato, longe de ser arma operária, vem a ser arma patronal.

Êsse introito vai servir de apôio ao sucinto exame dêste meu tema.

A ação sindical surgiu com a **Primeira Internacional** e os sindicatos se organizaram como órgãos reais de combate à burguesia capitalista. A segunda metade do século XIX foi de cólicas para o capitalismo, tal a expressão rebelde que animava essa união dos proletários de todo o mundo. Defragou-se logo tremenda reação, mas a classe operária parecia, com altibaixos naturais, replicar firme às refregas estatais. A história da Espanha sindical é, nesse ponto, altamente elucidante, como elucidante é a história sindical da Alemanha, seu reverso, Nesta, a luta caiu logo nas mãos dos políticos colaboracionistas, Lassalle principalmente, e perderam os sindicatos todo o seu valor ofensivo.

A verdade é, porém, que a sucessão dos fatos não correspondeu, de modo nenhum, às esperanças dos primeiros intercionalistas sinceros.

Bakúnin, por exemplo, confiava demais no mísero proletariado italiano, que nunca reagiu por si mesmo, apesar dos sobrenaturais esforços dos seus grandes militantes anarquistas.

Essa quase secular apatia é o argumento Aquiles dos atuais dissidentes da **Federazione libertaria italiana.**

Os operários não são revolucionários, declara Bertoni. Será isso mesmo? Bakúnin também verificava a nenhuma capacidade revolucionária do campônio francês, chafurdado em crassa ignorância. Entretanto, a Vendéia foi uma seqüência de rebeldias sérias.

Penso que importa muito distinguir as cousas do seguinte modo:

1) A idéia anárquica não tem sequer, um século de entrada nas massas trabalhistas e nenhuma idéia, mormente de tão grande antagonismo às idéias, hábitos, preconceitos e organizações de vinte séculos, pode modificar tão densas camadas proletárias em tão pouco tempo.

2) Êsse tempo insuficiente, muito mais insuficiente se afigura quando atentamos em que o anarquismo jamais teve campo aberto para livre expansão. Ao contrário, mal apareceu como doutrina integral, com Proudhon, logo assanhou contra êle tôdas as Fúrias guardadoras e zeladoras do palácio capitalista: polícia, marinha, banqueiros, educadores, padres, administradores, políticos, etc.

3) As fôrças burguesas opostas ao anarquismo tinham vinte séculos de progressivo aperfeiçoamento no domínio absoluto das consciências. A consciência popular estava domada, pervertida, anestesiada, cega, mercê de uma educação sàbiamente combinada, entre Igreja e Estado, para torná-la submissa, invertebrada, conformada ao martírio, à renúncia, à vontade de Deus e do rei.

4) A obra secular dos precursores, os homens da Enciclopédia, verdadeiramente titânica, aparentemente profunda com a revolução francêsa, não o foi de fato. A tempestade era apenas à superfície, como nos mares. Nestes, a convulsão não passa de alguns metros. Foi mais o desespêro de vida que levantou o desgraçado povo francês, impelido pelas vozes anárquicas de homens como Marat.

A prova dêsse escasso aprofundamente está no Termidor e no Império. A revolução francêsa foi uma revolução política favorecido pelo exaspêro do povo.

5) Todavia, êsse grande conflito, como todos os conflitos, abalou a consciência popular e obrigou o vertice pensante da pirâmide a examinar cuidadosamente a base, a ver se perdeu algo da sua solidez.

6) Os enciclopedistas tiveram sucessores nos políticos liberais, nos ideadores de sociedades mais consistentes, finalmente, nos anarquistas e marxistas. E aqui, a distinção há de fazer-se, como fazem todos, entre liberais, socialistas, marxistas, de um lado e, do outro, os anarquistas. Todos, menos êstes, pregam a manutencão do Estado, da propriedade, particular ou estatal, do dinheiro, do govêrno, das leis, em suma, de tôdas as instituições burguesas. Só os anarquistas pregam a extincão de todo êsse aparelho parasitário e proclama a organização social federativa. Resumindo: todos os partidos políticos, apoiados pelas igrejas, defendem o regime parasitário, garantia dos privilégios com que seus chefes gozam vida farta e segura à custa dos produtores; só o anarquismo defende a organização social sem privilégios de classe, onde todos tenham, nos produtos, quinhão corespondente às suas necessidades econômicas culturais e sociais.

7) Ora, os anarquistas, punhado de inovadores, têm de arcar contra a enorme multidão de homens e mulheres imbuídos dos mais conservadores preconceitos, multidão ensinada, mantida, educada, treinada, incansàvelmente, dia e noite, em tôda a parte, por tôdas as igrejas, todos os partidos tôdas as escolas primárias, secundárias e superiores, tôda a casta militar. Não só isso. Os anarquistas desarmados lutam contra um aparelho multissecular, armadíssimo, vigilante, inescrupuloso, sempre disposto a eliminar quem quer que se insurja contra a ordem estabelecida. Veja-se o exemplo de Espanha. Eis como o **Libro de oro de la Revolución Española** descreve a camorra clérico-militar organizada contra o povo espanhol para reduzí-lo à submissão: "A insurreição facciosa, comecada nas Canárias com o pronunciamento de Franco, capitão geral nessa ilha, foi secundada por Queipo de Llano em Sevilha, Goded em Barcelona, López Ochoa em Madrid, Aranda em Oviedo, pela maioria dos chefes e oficiais que haviam jurado fidelidade à República, por Sanjurjo e por Mola. A República viu-se inerme, quebrantadas tôdas as molas do Poder. A administração estava minada pelo movimento fascista; ninguém atendia, no enorme aparelho do Estado, às ordens do govêrno. A insurreição, preparada desde muito, incubada nas sacristias, nos quartos de bandeiras, nos cais da administração, financiada pelo capitalismo e pelo clero, estendia-se a todos os rincões sinitros e sinuosos da vida pública espanhola. O único totalmente inlene de contubérnio e culpa, são e vibrante, cheio de esperança e resolução generosas e heróicas, era o povo, a classe obreira, os homens da oficina, da fábrica, do campo e da mina".

8) Assim, devemos compreender, os anarquistas, antes do mais, a desigualdade colossal em que nos achamos em número, em fôrça, em recursos materiais, sociais e morais perante o inimigo. Bem raciona**n**do parece inverossímil que existamos, lutemos e progridamos que logremos sobreviver a cada refrega da reação contra nós.

9) Temos, todavia, a nosso favor, a justiça da nossa causa e o denodo incomparável dos nossos militantes. A epopéia de Makhnó na Ucraína atinge as raias do milagre. A resistência dos companheiros em 36, parece lenda. A ressurreição do anarquismo na Itália, após os vinte e cinco anos de fascismo arrasador, é verdadeiramente espantosa.

Um comunista ferrenho, íntimo hoje em minha família, ao sair o primeiro número de AÇÃO DIRETA, perguntou-me, sorrindo, se "ainda havia, no mundo, ambiente para o anarquismo". Referia-se, é claro, ao avassalamento do comunismo russo em todos os países.

Realmente, neste meio século, tudo se tem conjurado contra nós; mas, a lição clara, evidente, profundamente alentadora é a de que somos ivencíveis.

10) Nossa invencibilidade decorre de três fatores essenciais: a) a inquebrantável pureza e verdade da nossa doutrina; os mais ferrenhos inimigos reconhecem a beleza do nosso ideal e a justiça das nossas reivindicações; b) nossa **intransigêngia** na doutrina, não cedendo a nenhuma distorção ainda quando venha de um teórico do valor de Kropótkin; c) nosso proceso de luta: a AÇÃO DIRETA.

Devemos defender e salvaguardar êsses três pontos acima de tudo. São os fundamentos da nossa vitória. Foi a transigência com os políticos espanhóis em 36 a causa principal da derrota em 39. Isso disse-o eu em carta ao companheiro Soler logo no início da guerra. Soler, que a princípio discordava de mim, acabou, em sua última carta, por me dar inteira razão. Hoje é a opinião geral, expressa com tanta lógica pelo companheiro italiano E. Bonomini, em **Volontá.**

11) Temos, demais, em nosso favor, e essa é a mais vulnerante arma contra os nossos inimigos, o descontento universal, decorrente, como nós o provamos, do capitalismo.

Vendo fugir-lhe o terreno, o capitalismo e a igreja entram a fingir concessões, a adular o proletário, fazer-se enfermeira, mãezinha e irmã de caridade; mas, como, longe de procurarem sanar o mal pela raiz, encobrem com paliativos sua ganância de mais lucro, em vez de melhorar a situação, pioram tudo, confirmando, assim, nossas irrespondíveis demonstrações.

12) Um dos processos enganadores, usados pela burguesia, leiga e clerical, contra o progresso das idéias anárquicas, é o das leis trabalhistas. Foi o aparecimento da **primeira internacional,** com seu caráter agressivo e revelador de tremenda fôrça, que suscitou essa idéia salvadora do capitalismo. A idéia foi veiculada pelos grandes traidores do movimento social: os socialistas de qualquer feitio. Logo de início, os marxistas. Depois, a Igreja católica, para quem, no dizer de Pio IX, o socialismo era uma peste social; por bôca de Leão XIII, arvorou-se em socialista, firmou um programa (Rerum novarum) e criou um partido socialista-cristão, com **obras sociais** cristãs, etc.

Os partidos socialistas, os guarda-freios mais nojentos da questão social, entraram, com sua melopéia das **leis sociais,** da representação trabalhista nos parlamentos e a teoria do Estado Socialista, ópio, talvez, mais entorpedor e perigoso que o das religiões.

13) O Estado Socialista Russo foi o primeiro realizador dessa promessa socialista mentirosa. Mas, fôrça é reconhecer, apareceu como anúncio de vitória e iludiu até companheiros dos mais firmes. O proletariado universal, não de todo enfeudado à Igreja, exultou com os sovietes e fanatizou-se. O isolamento russo, operado pelas nações reacionárias, mais engrandeceu a figura dos líderes bolchevistas, criando a mística do **Paraíso dos trabalhadores.** A criação de partidos comunistas no mundo inteiro atingiu as raias do delírio e os mandões russos teriam realmente empolgado o mundo se houvessem querido, de fato, derrotar o capitalismo e libertar a humanidade. Sendo tudo, lá, pura farsa, tornaram-se puras farsas os seus métodos de luta política, naufragada agora nos mais sórdidos acomodamentos com ditaduras, argentários e católicos. tôda a direita enfim.

13) O fascismo foi uma imitação do bolchevismo. Mussolini copiou a organização sindical soviética e instaurou sua ditadura igual, em tudo, à russa. Na onda, foram-se os sindicatos livres, transformados em órgãos trabalhistas da ditadura.

A lição italiana, contraposta à da Espanha, é fecunda. A marcha a Roma talvez fôsse impossível na Espanha, como o seria a insurreição de Franco e Sanjurjo se não houvesse o auxílio externo.

Depois da ocupação das fábricas em Milão, a marcha a Roma de Mussolini só se explica pela pouca profundidade da penetração anárquica em Itália. A ocupação das fábricas não teve repercussão nem nos campos, nem nos sindicatos navais, dominados pelos bolchevistas. Os sindicatos italianos seriam incapazes de assumir a direção dos serviços públicos como sucedeu em Barcelona e Aragão.

Tudo isso mostra a **superficialidade da consciência anárquica** na península italiana.

14) A Espanha, porém, já nos ensina cousa diversa. Alí, não foram infecundos oitenta anos de propaganda anárquica. O povo espanhol por seu caráter, aguda inteligência e sentimentos altruistas, duramente provados em seculares lutas contra o absolutismo explorador, de padres e reis, deixou-se fàcilmente empolgar pela doutrina igualitária, sua aspiração instintiva. A doutrina, se penetrou profundamente, não penetrou geralmente, nem por igual, de modo que, tanto quanto é permitido ver a um estrangeiro, ainda neste ponto, como em todos, a Espanha é um país de inauditos contrastes. Bastou, porém, que a propaganda atingisse, em tôda a pureza, a massa trabalhadora, já tudo indica a radicacão irremediável do espírito e da ânsia libertária. Nenhuma reação conseguirá jamais estirpar o anarquismo de Espanha; antes, contribuirá fortemente, para a acirrar ainda mais no povo.

Por êsse lado, devemos bendizer de Franco. A luta de 36 a 39, por mais dura licão que tenha sido, foi lição mestra de que se está muitíssimo aproveitando o Movimento Libertário Espanhol.

Os êrros cometidos não se cometerão mais e a queda de Franco vai produzir o efeito que produz, na gangorra, a descida inopinada de um lado; o outro sobe vertiginosamente.

15) Olhemos agora para o Brasil. Aqui, a propaganda anarquista defronta sérios óbices.

O primeiro é a distância. A França ou a Alemanha, ou a Itália se atravessa em doze horas ou menos. Para assistir ao Congresso Anarco-Sindicalista em Berlim, em 1930, saí de Hamburgo às 11 horas e às 3 desembarcava. Tinha percorrido com velocidade média, metade da Alemanha. A França cabe tôda, com 38 milhões de habitantes, em Minas. Demais, passagens bartíssimas e horário impecável.

No Brasil, ir a S. Paulo custa o que sabemos. São, no mínimo, de ônibus velozes, 7 horas. Ir ao Rio Grande do Sul ou ao Pará está fora de qualquer possibilidade normal, salvo por aeroplano; mas êste é caríssimo.

A população escassíssima do Brasil, mais diluida se faz com as distâncias colossais.

Assim, estão quase vedadas, no Brasil, as excursões de propaganda, de resultados tão fecundos na França e na Itália presentemente. Nesses países, facílimo é acudirem numerosos companheiros a um Congresso geral. Um Congresso anarquista no Brasil limitar-se-ia a Rio e S. Paulo, quiçá Rio Grande do Sul.

Outrora, quando os Sindicatos funcionavam livres era relativamente fácil cobrir as despesas. Hoje, tudo recairia nos magros recursos dos poucos anarquistas sobreviventes às catástrofes do bolchevismo e do getulismo.

16) A êsse imperativo geográfico, temos de acrescentar agora, o imperativo político. Dois inimigos nos encarram iracundos; o fascismo e o bolchevismo. No fascismo congregam-se os integralistas, os queremistas, os dutristas e a Igreja Católica. Demais, não nos olham amicalmente nem protestantes nem espíritas porque a todos pedimos provas das suas afirmações religiosas e êles não nolas podem dar.

Em suma, temos contra nós o Estado e a Igreja, nossos velhos e conhecidos adversásios, ajudados pelos aspirantes a Estado, os comunistas à russa.

Não nos metem mêdo; mas, têm em suas mãos tremendos meios de paralisarem nossas atividades num país de tão poucos anarquistas.

Analisemos êsses meios:

a) . . **Domínio dos sindicatos.** Continua absoluta, ainda hoje, a proibição de qualquer penetração em qualquer sindicato do Brasil. Todos estão assenhoreados absolutamente pelo Estado. Saíram das mãos desastradas dos fanfarrões comunistas e a cada porta há um representante da autoridade, impedindo a entrada a qualquer elemento discordante. Sindicatos livres não se podem hoje abrir. O círculo de ferro está bem pôsto e não há por onde quebrá-lo.

É vão qualquer apêlo ao parlamento. Alí são todos concordes na submissão dos sindicatos ao Estado. Isso quer o fascismo, isso quer o comunismo, isso quer o socialismo. Sòmente nós, anarquistas pleiteamos o sindicato livre ou, quando nada, a pluralidade sindical.

A Constituição assegura o direito de greve, mas acrescenta que uma lei regulará as greves. Ora, a greve é uma arma de luta e impor-lhe um regulamento fabricado pelos jurisconsultos burgueses é deformá-la, destruí-la.

Estão pois os trabalhadores de mãos e pés atados nos sindicatos. Do mesmo se queixam todos os trabalhadores europeus e latino-americanos.

b) **O virus político.** O Estado, dito democráticos, concita os cidadãos à organizacão de partidos eleitorais e declara obrigatório o voto. Isto é, vicia o povo, os trabalhadores, à poltiquice, desviando-o da ação direta. O virus político absorve as atenções do povo, como o futebol, as corridas, o carnaval, o boxe, as paradas militares. Neste ponto, vêde o tremendo estrago produzido no proletariado brasileiro por comunistas, queremistas, udenistas e acão católica brasileira. Vezam o povo a crer na virtude do sufrágio, acão indireta tanto mais nefasta, quanto parece ao votante ser ação direta.

c) **O pretexto do comunismo.** O fascismo nacional encarnado hoje no govêrno e no seu partido P. S. D. tem feito o mais afincado fincapé de resistência à democracia. Todos os filiados ao partido são, por mentalidade e interêsse, fascistas puros e não lhes agrada nem sequer o nome de **democracia** e muito menos o de **liberdade.** Leigos ou clericais, andam espiando e provocando um pretexto para se fazerem ditadores e perpetuarem o govêrno Dutra tão a calhar para amigos, parentes e coreligionários. Para Igreja, então, não há melhor.

O partido comunista aqui e a política de Stálin fora proporcionaram o tão anelado pretexto.

A luta acirrada entre Rússia e Estados Unidos impele êstes a rasgar sua Constituição liberal e proscrever o partido dos imperialistas russos **(Cont. na pág. 3)**

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

SANGUE POR LIBERDADE

Por NEMO

Em Poznan, qual em Berlim, há três anos, e em Workuta, há um, foi essa cidade polaca revolucionada por um protesto exaltado e enérgico. Tropas soviéticas especiais, de choque, tingiram-lhe as rusa de sangue, as lagartas dos tanques da "ditadura do proletariado" ocuparam-lhe as praças a ferro e fogo e esmagaram todos os direitos.

Iniciou a rebelião uma greve de 15.000 obreiros da fábrica de locomotivas CISPO (semanas antes chamada STALIN). Aos gritos de: "queremos pão e liberdad", protestavam contra a detenção de seus delegados representantes, que formulavam melhoras de caráter sindical. Em poucas horas, o número cresceu, invadiram a prisão e foram libertados uns 200 detidos políticos, acusados de opinião destoante da linha oficial do Partido. Conclusão brutal: 48 mortos e 200 feridos. Lista oficial de um Estado, não correspondente, é de crer, à realidade.

Embora discordantes da orientação política em que êsse movimento se firmou, com predominância nacionalista católica, nós, anarquistas nos silidarizamos com êsse povo mártir, como nos solidarizamos com todos os impulsos desencadeados por povos oprimidos contra qualquer poder imperialista opressor, disfarçado ou não com nomes liberais ou falsas bandeiras vermelhas ou brancas.

Sucede isso, enquanto algumas ditas "Vanguardas democráticas e socialistas" pedem ao império do Krêmlin, a reabilitação dos companheiros de Lênin, tal qual requer a viúva de Trotzki e outros acólitos seus, a reabilitação dos seus assassinados.

O progresso tem ido aperfeiçoando tudo, exceto a política. Esta, acharcada, menosprezando direitos e liberdades, continua movida pèrfidamente pela intriga. Nêste século XX, vemos, à frente de Estados e governos, verdugos, fanáticos, ladrões, traficantes, dementes, corruptos e corruptores, encenando partidas carnavalescas tais quais as modelares do Krêmlin.

Que pode interessar ao proletariado que se reconciliem os herdeiros dos assassinos com os herdeiros dos assassinados?

O que ao proletariado importa e êle não deve esquecer é que todos êles foram e são responsáveis pelo estrangulamento da Revolução Social.

Trotzki, o organizador do Exército Vermelho, da matança de Kronstadt, das hecatombes da Ucraína, tal qual Lênin, metódico destruidor, e Stálin, exterminador frio e sanguinário, e todos os demais inquisidores do "paraíso bolchevique" foram os armadores dêsse aparelho infernal que, iníquamente, permanece em pé, que paralisou e paralisa o movimento social dêste século.

Desde a Revolução Russa, destroçada pela reação marxista, quantas derrotas têm sofrido os movimentos obreiros mundiais! Entretanto, o que não tem podido o capitalismo vermelho ou branco destroçar, apesar de todos os esforços, é o escol de lutadores que, temperados na dura realidade da luta social, asseguram, contra as mútuas combinações de todos os impérios, o grito de combate e protesto proletário e a voz da consciência humana.

Resposta a Uma Carta

Recebemos de um cavalheiro que se diz ainda comunista uma carta curiosa.

Indaga-nos o motivo por que os sequazes do Stálin vivo desmoralizam hoje o nome, a memória, a obra do Stálin morto. Quer saber de nós se há lógica nisso e porque o fazem.

Não nos compete evidentemente reponder à pergunta. Lá se avenham!

Todavia, querendo satisfazer um tanto o espantado, ainda comunista, aproveitamos a ocasião para tirar do nosso arquivo um espelho. Nele verá o missivista um exemplo bem elucidativo de confusão, desvergonha e conseqüente derrocada comunista.

O PIO PALMIRO I, CÔNEGO DE S. PEDRO.

Por Marco Pelo

(do Cantachiaro de 28-3-47)

A democracia progressiva dos comunistas cobriu-se de glória outro dia na Constituinte.

Discutia-se o famoso artigo 7 (então 5) da Constituição da República Italiana. Tratava-se de decidir se a República aceitaria, ou não, sem benefício de inventário, a aliança entre a ditadura fascista e o sanfedismo. Tratava-se de resolver se o novo Estado popular nasceria com os caracteres da civilização moderna ou seria modelado pelo Syllabus. Tratava-se de acentuar se, definitivamente, do referendum de 2 de junho, surgiria a República dos cidadãos livres ou a República dos sacristães.

Estava completo o enquadramento. Pela República confissional, pelo Estado de Pio IX, pela democracia de frades e monjas agruparam-se em naturalíssima aliança, democristãos, monarquistas, reacionários e os nossos impagáveis fascistas da Uccu. No campo adverso, prontos para o prélio, os socialistas das duas famílias, os acionistas, os republicanos históricos, os democráticos do trabalho. De um lado, o trono, o altar, a reação, sòrdidamente obtusa; do outro, o socialismo, a democracia, o progresso. Dos liberais, uma fração, a dos servidorelhos dos industriais do norte e dos grandes agrários do sul, estava com o Syllabus, reverdescendo os lucros de tardia moderação; uma patuléia, mais moderna e sem preconceitos alinhava-se com Benedetto Croce em defêsa da supremacia do Estado Moderno e da liberdade de conciência. Faltavam os comunistas; os comunistas pendulavam, os comunistas hamletizavam, tratavam, trepidavam, aguardavam um compromisso, concentravam seus esforços e votos numa tentativa suprema de conciliar o materialismo dialético e a fé católica, o soviete e a companhia de Jesus, Stálin e PIO IX, Molotov e monsenhor Montini, o coronel Valério e o comandante da polícia pontifícia.

À votação, decidiram-se. Votaram pela companhia de Jesus, por Pio XII, por monsenhor Montini, pelo comandante da polícia pontifícia. Aceitaram, sem benefício de inventário, a herança do homem da Providência. Preferiram Pio IX a Mazzini e a Garibaldi. Ofereceram-se para colaborar com a Igreja na perseguição dos sacerdotes egresos, admitiram o catecismo nas escolas do Estado democrático, colaboraram com os bispos no alongamento às saias das bailarinas e com o exmo. Capra no sequestro dos semanários anticlericais, vedaram aos próprios aderentes a leitura dos autores postos no índice. Em nome da igualdade, da dignidade humana, da liberdade, os comunistas acharam justo que o proletário mantenha perpetuamente a espôsa prostituida, ou a lavradora o marido assassino, limitando aos ricos, aos nobres e aos filhos dos cardiais ou aos poderosos altos oficiais aliados, o direito de fazer e desfazer, com auxílio benévolo, quando não gratuito dos tribunais eclesiásticos, os seus matrimônios.

Com tal ato, deshonraram-se definitivamente os comunistas se é que jamais tiveram honra. Para justificá-lo só uma cara estanhada, um homem de coragem quase temerária, a de afrontar o vômito da assembléia. O partido comunista possui em suas fileiras êsse homem. O advogado do comunismo progressista e sanfedista foi o Snr. Togliatti. Transformista e prestidigitador, êsse Frégoli da política, que, uma semana faz, se exibiu na assembléia nas vertes de Camillo Cavour, trasvestiu-se aos olhos de todos com a batina do padre Taparelli d'Azeglio.

Fingiu-se ardente defensor da unidade religosa dos italianos, lisongeou padres, frades e freiras, bateu nos peitos e ajoelhou-se em público. Assim fazia outro senhor (1) em tempos não recentíssimos, porém nunca deslembrado. Também êle exibia em público seus sentimentos profundamente religiosos e ajoelhava-se diante do túmulo do príncipe dos apóstolos.

(1) Mussolini

Sucederá ao novo camerlengo da Santa Igreja Romana, ao cônego de S. Pedro, ao futuro assistente ao sólio pontifício, Palmiro Togliatti, o que sucedeu ao cavanheiro Benito Mussolini, adornado com as mais altas honrarias eclesiásticas? Não sabemos. A categoria dos imbecís é inexaurível na Itália e, sem imbecís, não haveria nem Togliattis nem Mussolinis.

Enquanto não houvermos destroçado a frente a monárquico-fascista-clérico-comunista, não teremos fundado na Itália a República democrática. Essa é a quadrilha que barra à Itália a estrada do progresso e lhe nega dignidade civil e liberdade.

1) Refere-se a Palmiro Tozliati.

Um Companheiro Japonês nos Escreve

AÇÃO DIRETA recebeu, do companheiro japonês T. Nakasuji, a seguinte carta escrita em esperanto:

Estimados camaradas de AÇÃO DIRETA.

Há dias, remeti-vos um exemplar da revista japonêsa, em esperanto, Revuo Oriente, e agora acrescento estas linhas para rogar-vos vos digneis anunciar, em vosso periódico, o meu desejo de corresponder-me com camaradas ativos dêsse país. Até há pouco, exerci a atividade profissional de montador de maquinismos de tecelagem e fui, por alguns anos, membro do partido comunista japonês. Faz algum tempo, todavia, devido a grave acidente de trabalho, de que me estou restabelecendo, encontro-me em forçado repouso para tratamento de saúde.

Quanto ao partido comunista, compreendi finalmente que seus dirigentes e amos não visam a mais que à conquista do poder com tôdas as satisfações e vanglórias que lhes possam disso resultar, à custa do proletariado, e, consciente do errado caminho por onde andava, abondonei as filas partidárias ingressando decididamente no movimento anarquista, cujos ideais me seduziam e acabaram por conquistar após as constantes traições aos interêsses dos proletários, cometidas pelos kremilinistas e por mim presenciadas.

O camarada T. Yamaga, um dos mais prestigiosos vultos do movimento anarco-simdicalista mundial e redator do respectivo órgão de imprensa, já é idoso, a sua vontade começa a fraquejar e, por isso, temos todos o dever de auxiliá-lo a levar a bom têrmo o seu denodado esfôrço de militante e idealista que, à causa do proletariado e da humanidade, tem dado tôda a sua vida, tôda a sua inteligência e tôda a sua energia.

Tenho 34 anos e vivo com minha mulher, minha mãe e quatro filhos. A situação do proletariado no Japão atravessa momentos de grande dificuldade. Felizmente êle vai, aos poucos, percebendo, por experiência própria, que, sòmente pelo seu próprio esfôrço e contra tôdas as normas e táticas políticas perpetuadoras da escravidão humana, poderá libertar-se do jugo secular. O meu caso não é excepcional. Tais qual a minha, são às centenas e diárias as deserções do partido comunista e, de modo geral, de todos os partidos. Há um caminho único que abre perspectivas de vitória à emancipação humana: o caminho iniciado pelos anarquistas, isto é, o da ação direta, o do esfôrço dos próprios trabalhadores em prol da sua libertação.

Meu endereço é o seguinte: Companheiro T. Nakasuji, Mits - Esperanto - Klubo, Mits-Cho, Ho-gum, Hjogo-Ken — Japão

A Propósito do Apêlo...

(Continuação da pág. 2)

Realmente, para guerrear uma ditadura só outra ditadura ou a guerrilha. Uma grande potência não pode ser guerrilheira: Há de, ao contrário, mormente com as lições da última guerra, estirpar, primeiro, em casa, todos os elementos possìvelmente guerrilheiros. Os Estados Unidos, antes de agredir a Rússia, hão de eliminar, lá e nos países aliados, todos os focos comunistas. Se o não fizer, terá de haver-se, na hora H, com a quinta coluna sabotadora.

Logo, o Brasil, nação satélite, tem de aceitar a política da boa vizinhança e, para ser bom vizinho, ir fazendo o que o vizinho tão cortêsmente lhe requer.

Liquidar o partido comunista e os comunistas vem pois satisfazer a Norte-América e satisfazer o partido dominante.

Assim sendo, é corolário lógico essa lei de segurança proposta à Câmara, com artigos e parágrafos, prontinha para ser votada.

Com a lei de segurança voltamos a Getúlio e à extinção completa do direito de palavra e reunião.

17) Tudo isso que vos digo, companheiros, vós o sabeis muito bem. Foi um resumo, feito apenas com o propósito de assinalar duas cousas: primeira, temos de considerar esta pressão extrema do capitalismo contra a esquerda, **com serenidade**, cônscios de que é lógica; segunda, temos de examinar, sem exaltações, friamente, o que nos cabe fazer.

Não podemos responder, como responderam os companheiros de Espanha ao fascismo, com a guerrilha insurreccional; e não podemos porque somos poucos e porque não há, de modo algum, no proletariado, nem mentalidade, nem capacidade para se arremessar em tão árdua ação.

Se não passar a lei de segurança, como ainda espero, mau grado a exigência americana, temos de redobrar o nosso esfôrço em dois sentidos: formar anarquistas multiplicando os nossos grupos e nossas publicações; ensinuar-nos insensivelmente nos sindicatos a ver se um dia os poderemos levar a uma ação conjunta antifascista.

18) Mas, se vier a lei de segurança? Evidentemente, teremos de calar-nos ou falar apenas clandestinamente, cousa desaconselhável, por ser grande o risco e quase nulo o proveito.

Resta-nos, porém, uma grande obra. E' de tôda evidência que o problema anarquista não se vai resolver aqui. Vai resolver-se, antes de tudo, na Espanha. A vitória na Espanha repercutirá seguramente em França e na Itália. Portanto, nossa atividade tem de ser deslocada. Se não podemos desenvolver aqui nossa propaganda, aproveitemos o pequenino aparelho que, num ano e meio, conseguimos formar. Não o deixemos desfazer-se. Continuemos com as nossas reuniões e pequeniques, nossa propaganda subterrânea, individual, mas prendendo-nos e prendendo os novos adeptos por uma cota fixa, mensal, destinada aos guerrilheiros de Espanha. Essa obrigação moral, rigoroasmente cumprida, valerá talvez mais do que um semanário ou dezenas de volumes, úteis sòmente aqui. Canalizar contra Franco todos os nosos recursos é fortalecer a ação dos camaradas europeus naquilo que mais lhes falta: dinheiro. Poderíamos quase afirmar que, na situação atual, nossos gastos aqui só se justificam pela intenção de, multiplicando os aderentes ao nosso ideal, multiplicarmos as possibilidades de enviar mais auxílio aos combatentes de além-mar.

19) Renovemos, companheiros, nosso acôrdo de alargarmos nosso âmbito por processos que deveremos discutir semanalmente. Deveremos semanalmente, como usurários, apurar bem apurado o que obtivemos na propaganda e criar, acima de tudo, um grupo, digamos, de visitantes, de camaradas dispostos a ir procurar, semanalmente, nos subúrbios, nas localidades vizinhas, quantos camaradas andam por aí dispersos e não podem vir ter conosco por serem a distâncias longas. Creio que examinando êsse problema com calma chegaremos a resultados práticos valiosos.

Muito havemos de esperar dos jovens libertários. Êles devem capacitar-se de que não os substitutos naturais dos velhos que, mais dia menos dia, têm de desaparecer. Cumpre-lhes, pois, desabalado esfôrço para se tornarem aptos à missão de substituí-los sem que o movimento anarquista no Brasil se ressinta de qualquer perda.

Ação Contra a Guerra

DO MENSÁRIO ANARQUISTA FRANCÊS **LA JEUNE GARDE**, TRADUZIMOS O SEGUINTE TÓPICO BEM CARACTERÍSTICO DO RÁPIDO E SEGURO PROGRESO DE REPULSA À GUERRA POR PARTE DO EXÉRCITO FRANCÊS

— Pouco a pouco, as instituições da burguesia francesa entram em decrepitude, sinal de decadência dessa burguesia... O comportamento dos trabalhadores mobilizados em cada nova guerra é disso testemunho.

Se, durante a guerra de 14-18, os soldados houvessem abandonado suas posições como fizeram no ano 1939, teriam sido fuzilados! Se, durante a guerra de 1939, os soldados houvessem objetado como fazem hoje, teriam sido fuzilados... E tais manifestações de massa de TODO um exército em franca revolta contra a guerra seriam totalmente incríveis, inimagináveis mesmo, em 1914... Hoje, tornou-se cousa corrente...

Os jovens trabalhadores, enfim, compreenderam, por ação de experiências acumuladas, "que não têm pátria" e, por conseguinte, **não querem morrer mais pelos industriais.** Pensam que bastante já lhes é dar a seus exploradores a maior parte do que produzem e não lhes cumpre dar-lhes também a vida!

As centenas de manifestações ocorridas, que explodem de tôda parte, tocam a rebate no exército francês e prenunciam o exército do povo de amanhã. Os milhares de manifestações, em apoio às cajadadas desferidas no imperialismo pelo povo argelino, clarinam contra a burguesia francesa acuada.

Mais alguns sacões, a velha besta rábida e sanguinária arriará, vencida pela imensa fôrça nova de milhões de trabalhadores.

Unidos todos, passemos à AÇÃO DIRETA, decretemos a **greve geral, ataquemos,** com tôdas as armas disponíveis, as velhas instituições da sociedade de exploração. Assim, imporemos a Paz, o regresso de nossos irmãos que diàriamente morrem; assim, derrotaremos nosso pior inimigo, nosso **único** inimigo, a **burguesia!**

Essa proclamada recusa dos conscritos franceses a irem morrer nos areais de África para defenderem o capital francês, as propriedades dos ricos, é um sinal dos tempos. Revive no íntimo do trabalhador francês, após a vigência das duas guerras, a era do totalitarismo militar, aquêle espírito da Revolução Francesa, do povo desesperado, contra nobreza, clero e Estado. Desmoralizados os partidos políticos, os **líderes** salvadores, a lengalenga dos demagogos patrioteiros só resta ao povo trabalhador meter a picareta nos alicerces do capitalismo e, num rasgo heróico, destruir pela base a fortaleza carcomida e solapada. Afirmamos, nós, anarquistas, que está perto, muito mais perto do que se crê, êsse acontecimento marcador da éra nova, a éra da Anarquia.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

No Paraizo de Salazar

Antes de entrar no valor assistencial das Caixas do Abono de Família, referir-me-ei às duas principais leis do trabalho. A lei n.º 1.952 de 10-3-1937 garante aos trabalhadores das fábricas e comércio (pois as restantes profissões estão à margem da lei) segundo o artigo 8.º, três a seis dias de férias por ano. Eis o texto do citado artigo: "As emprêsas comerciais e industriais que empreguem normalmente vinte assalariados pelo menos, são obrigadas a conceder aos dos quadros (**dos quadros, quer dizer efetivos, e que geralmente são em número reduzidíssimo, pois a maioria dos empregados trabalham tôda a vida a título provisório**), permanentes, um período de férias com remuneração, não inferior a **três** ou **seis dias, em cada ano civil**, conforme tenham mais de três ou seis anos de bom e efetivo serviço". Como se pode deduzir da redação do referido artigo, dificilmente os assalariados das grandes emprêsas recebem sequer três dias de férias por ano (digo grandes, porque e pequenas e construção civil, etc., nunca tiveram férias). Mas, o decreto-lei n.º 36.173 de 6-3-1947, limita-se a citar penalidaes, e a respeito das férias é completamente mudo. Isto é uma amostra da proteção que o Estado Corporativo português dispensa aos trabalhadores, os quais, em sua maoiria não gozam de aponsentadorias, não ganham domingos nem dias feriados e, para cúmulo, estão sujeitos a serem despedidos, sem indenizacãço, em qualquer dia e a qualquer hora.

As Caixas de Abono de Família, criadas pelo decreto-lei 32.192 e modificadas pelo decreto-lei 33.512, de 29-1-1944, têm por finalidade auxiliar os assalariados com filhos mencres de 14 anos de idade. Os chefes de família recebem, por cada filho, de 30$00 a 50$00 escudos por mês, de acôrdo com o salário que auferem. As referidas caixas, sujeitas diretamente à ação do Salazar, não têm feito outra coisa senão criar ladrões e burocratas. Depois de mil e uma exigência nos descontos dos assalariados, que são de 1 % sôbre seus salários, e dos patrões, que são de 2 % sôbre cada empregado, os fiscais espreitam todos os jeitos de aplicar multas por infrações e não infrações, a fim de elevarem o seu próprio rendimento pessoal e dificultar o trabalhador de receber seu benefício. A perda de alguns dias de serviço durante o mês, por falta de trabalho ou por doença, impedem o trabalhador de receber o abono, justamente quando mais precisa dêle. E isso lhe é comunicado em áspero tom policial pelos funcionários das Caixas de Abono de Família. Fazem-no ao abrigo do artigo 30. das referidas caixas, que autoriza a diretoria (oficial já se vê) a multa o assalariado na importância de 20$00 a 1.000$00 escudos, que poderá ser revertido em prisão a 10$00 escudos por dia. Estas punições. que os contribuintes sofrem por tudo e por nada, os tornam de tal modo medrosos e ignorantes, que, por estranho que pareça, os trabalhadores chegam a acelerar a feitura dos filhos, para poder conseguir mais elevado abono, que dê para pagar o aluguel da casa.

E a prova do que asseveramos esta em que, desde a criação das Caixas do Abono de Família, a procriação aumentou: nos meios mais pobres (e mais ignorantes já se vê), cêrca de 20% por ano.

CAIXAS SINDICAIS OU DE PREVIDÊNCIA

Foram criadas de conformidade com o artigo 11º da lei n. 1884 de 16-3-1935 e são reguladas especialmente pela lei 28.321, de 27-12-1937. Apreciemos as garantias dadas aos seus contribuintes. Tomemos como exemplo a Caixa de Previdência das Indústrias de Carpintaria Mecânica. Limitemo-nos a citar as leis que regulam essas autarquias, apesar de nunca serem cumpridas. No estatuto pelo qual foi aprovada e se rege a citada caixa, estabelece o art. 28º: "O subsídio de doença é de dois terços do ordenado ou salário, nos primeiros 90 dias de cada doença e de metade do mesmo salário nos 180 dias seguintes." o artigo 31, por sua vez, determina: "Atingido o limite de 270 dias, o beneficiário, só poderá receber, de novo, **subsídio em doença diversa e passados doze mêses completos de contribuição efetiva para a caixa.**" Como se verifica, êste artigo **obriga o doente a mudar de doença** e, mesmo assim, só de ano em ano pode o tarbalha-dispendioso tratamento, o contridor doente ser atendido na caixa. Calculem os apaixonados do fascismo salarazista que, sendo a tuberculose a doença que mais ataca o povo português (morrem vinte mil por ano, segundo o deputado salazarista Ribeiro Casais, revelou na Assembléia Nacional) e também a que exije mais demorado e buinte perde totalmente o direito ao já miserável auxílio que vinha recebendo.

É bom que acrescentemos ao que dissemos sôbre o péssimo serviço de assistência que os médicos das caixas só receitam medicamentos de acôrdo com o estoque existente na caixa e nunca de acôrdo com a doença do beneficiário. Quantos casos conhecemos em que os doentes tinham que comprar injeções e outros medicamentos, como "estreptomicina", etc. à sua própria custa, valendo-se, quantas vêzes, dos peditórios.

Apreciemos a pensão por invalidez ou limite de idade. Dispõe o artigo 40.º, parágrafo 1.º: "A pensão por invalidez só é concedida aos beneficiários cujas contribuições totais atinjam dez anos pelo menos; pelo que, os beneficiários cujo primeiro desconto tenha ocorrido depois de antingidos 55 anos de idade não têm direito à pensão de invalidez".

Ora, um contribuinte que seja considerado incapaz por desastre no trabalho ou doença, desde que lhe falte um mês de contribuição para complear dez anos não tem direito ao subsídio. Será um futuro mendigo. Mas, se tiver mais de dez anos de contribuição, terá igualmente que mendigar, porque o subsídio concedido é apenas de 20 % sôbre o salário percebido, o que dificilmente atinge 8$00 escudos por dia. Isto a dar crédito aos regulamentos oficiais.

É com que se acrescente que as caixas de previdência existentes em Portugal datam de pouco mais de dez anos, embora a lei que autodiza a sua fundação seja mais antiga. Por isso afirmamos, num dos artigos desta série, que, na cidade do Pôsto, com 290.000 habitantes, não existiam 200 pesoas aponsentadas até 1952.

Porque tal acontece? Pensarão os fascistas e, dum modo geral, todos os apaixonados do salazarimo, que é por falta de dinheiro. Redondo engano. No ano de 1952 (ano em que, por estranho que pareça tratando-se de um regime que alardeia organização, apareceu o último boletim de estatística de Portugal) existiam em depósito, segundo a estatística oficial 1.414.00 contos (nas Caixas de Previdência) e 1.639.013 contos (nas Caixas de Reforma). Isto é o que alegam as estatísticas oficiais, mas, na realidade, êsse dinheiro foi arrancado às caixas num empréstimo pelo Estado em troca de títulos no valor de 3.100.00 contos redundando em grande prejuizo para os contribuintes.

Agora o leitor compreenderá porque faltam em Portugal os meios da essistência, que funcionam por auto-determinação de Salazar (parágrafo único do artigo 13 do decreto-lei 37-244, de 27-12-1948). Como vemos, Salazar, ao criar as Caixas de Previdência, a nada mais visou que enganar o povo português, para lhe arrancar dinheiro que lhe permita encobrir os seus deslizes e os dos seus cúmplices, assim como destruir as Associações de Socorros Mútuos, organizações livres, que datam de 1.297. Apesar dessa escamoteação do dinheiro do povo trabalhador que morre por falta de assistência, o chamado **Antonio das Contas**, ou Salvador das Finanças Portuguêsas não conseguiu salvar ao menos o que recebeu da República.

No Anuário Estatístico das Nações Unidas lê-se que o orçamento português de 1954, apresentou um "deficit" de 546 mil contos. De 1939 a 1953, a dívida (segundo o referido anuário) aumentara de 7 milhões 145 mil contos para 11 milhões, 120 mil contos.

Êsses dados servem para que os fascistas e os rapazes do **Antonio das Contas** os estudem e meditem.

Edgart Rodrigues

NOTA: — No sétimo artigo desta série, falei das favelas de "Xangai", isto em Portugal. Agora, chegou-nos às mãos o jornal "O Primeiro de Janeiro", de 15-1-1956, com notícias que confirmam minha denúncia. Eis o título: "A tragédia dos pobres moradores do "Bairro de Xangai", e no texto: "A água inundou o Bairro de Xangai obrigando os pobres moradores daqueles velhos e desmantelados casebres, construídos de madeira e cobertos de chapas ferrugentas, a abandoná-los", E. R.

Do Movimento Francês

AÇÃO DIRETA ACHA OPORTUNO DIVULGAR O QUE, NO BOLETIM 32, DE JUNHO E JULHO DÊSTE ANO, PUBLICA C. R. I. A. (COMISSÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS ANARQUISTAS) SÔBRE A NOVA ENTIDADE DENOMINADA: GRUPOS ANARQUISTAS DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA (G. A. A. R.)

Eis o que se lê no boletim :

— Uma parte dos grupos pertencentes à antiga F. A. F. continuaram no mesmo organismo ainda depois de converter-se em F. C. L. (Federação Comunista Libertária). Tencionavam manter oposição às correntes entronizadas na F. C. L. e, para tal fim, um dêsses grupos (G. Kronstad) publicou um **Memorandum** em que se revelavam as manobras dos que se apropriaram de **Le Libertaire** e conduziram a F. C. L. ao exercício da política parlamentar. Êsses grupos que, por diversas razões não ccincidem com a F. A. F. (Federação Anarquista Francesa) reconstituída, celebraram um congresso e criaram os G. A. A. R. Nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 1955 realizou-se em Macon (França) o congresso constitutivo dos Grupos Anarquistas de Ação Revolucionária. Essa organização propõe-se relacionar entre si e coordenar a ação de certo número de grupos anarquistas e de companheiros geogràficamente isolados, fiéis ao ideal anarquista-comunista.

Todos os companheiros presentes no Congresso são antigos militantes da F. A. F. convertida em F. C. L. Por terem afirmado seu ideal anarquista, foram expulsos da tal organização e se retiraram para não aceitarem o desvio néo-trotzquista. Alguns jovens, simpatizantes desde muito, agregaram-se aos G. A. A. R.

Porque constituimos, explicam êles, outra organização existindo em França a F. A. que aceita tôdas as tendências do anarquismo ?

Tivemos a experiência da antiga F. A. F. em que, pelo menos no inicio, podiam situar-se e atuar tôdas as tendências do anarquismo. Pudemos verificar que explodiam lutas internas de que surgiam rancores pessoais entre militantes das várias tendências. Essas divergências levavam a uma semiparalisação da organização, ao debilitamento na propaganda, a um período em que se acotovelavam artigos contraditórios, cousa que o público não podia compreender. O resultado dessa incoerência foi que **cada tendência se ia enfraquecendo** e entorpecendo, com isso, a geral progressão do anarquismo. Pensamos, então, necessário que a tendência anarquista comunista pudesse manifestar-se numa organização que agrupasse exclusivamente os anarquistas comunistas. A harmonia que se produzirá quanto ao aspecto de organização, deixará os G. A. A. R. mais livres para colaborarem eventualmente com militantes anarquistas de outras tendências sempre que fôr cabível e desejável tal colaboração.

Nossa finalidade não é competir com a F. A. F. senão oferecer ao anarquismo comunista a organização específica que lhe faltava. Estamos à disposição dos companheiros de todo o mundo para remeter-lhes tôdas as informações concernentes aos G. A. A. R. Dirigir a correspondência à C. R. I. A. que nô-la transmitirá.

Unidade ideológica dos G. A. A. R.

1. Reafirmamos nossa fidelidade ao princípio anarquista de luta contra a autoridade sob tôdas as formas: sociais, políticas e religiosas. Êsse princípio implica: **a)** abolição do Estado; **b)** realização de uma sociedade federalista, sem govêrno e sem classes, baseada no princípio: de cada um segundo os seus meios, a cada um segundo suas necessidades. Tal sociedade não poderá estabelecer-se sem a revolução social, violenta ou não violenta.

2. A nosso juízo, só a luta das classes oprimidas e exploradas será capaz de vencer o Estado e o Capital. Essa luta não pode existir de modo eficaz sem a solidariedade internacional de todos os explorados.

3. A emancipação dos trabalhadores explorados há de ser obra dos próprios explorados. Interpretamos que a ação parlamentar e em geral tôda contribuição dos explorados à permanência no poder ou à tomada do poder daqueles ou por aquêles que serão sempre expoliadores se acha em oposição formal ao princípio da luta de classes. A ação direta é a única arma eficaz dos explorados.

4. A noção **Exploradores-Explorados** evoluciona. Com efeito, nascem novas fontes de exploração à margem da propriedade direta dos meios de produção. A luta revolucionária de classes só existe quando há consciência de classes. Isso implica incorrer no terreno da ética. Eis porque julgamos que a noção marxista que define as classes é claramente limitada e corresponde imperfeitamente ao estado atual da sociedade capitalista.

5. A organização específica tem por finalidade conseguir êsse alcance de consciência dos explorados para que atuem com miras na Revolução.

RESOLUÇÃO SÔBRE A SITUAÇÃO INTERNACIONAL — Os G. A. A. R. assinalam que, desde os fins da última guerra, o mundo inteiro se acha dividido em dois blocos antagônicos. De um lado o bloco americano, afirmando-se no capitalismo tradicional e procurando, por todos os meios, o contrôle dos mercados internacionais para colocar o excedente de sua produção. Do outro, o bloco soviético que derrocou o capitalismo privado para estabelecer o poder econômico de uma nova tecno-burocracia e o poder ditatorial político de um partido.

Os anarquistas revolucionários não aderem nem sustêm nenhum dos dois blocos. Colocando-se no terreno da luta de classes declaram-se solidários com o proletariado do mundo inteiro. Só essa luta, levada com afinco à frente internacional e proletária, será mantida pelos G. A. A. R.

Quanto à luta no interior do país, contra nossa própria burguesia e nosso próprio Estado, os G. A. A. R. rechaçam tôda sorte de aliança com qualquer partido, seja no plano político, no parlamentar ou legalista. Ao contrário, no terreno da **ação direta**, os G. A. A. R. aceitam a aliança dos militantes ou dos grupos de militantes proletários, sempre que o motivo da ação promova um progresso no sentido da emancipação obreira. À noção de Frente Popular ou de aliança do proletariado com uma parte da burguesia, os G. A. A. R. opõem a noção de **FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TODOS OS EXPLORADOS CONTRA SEUS EXPLORADORES.**

RESOLUÇÃO SÔBRE O COLONIALISMO. Reafirmamos nossa oposição irredutível ao colonialismo e ao imperialismo. Reafirmamos que, em benefício dos povos coloniais como do proletariado metropolitano, nossa tarefa há de ser a de trabalhar, por todos os meios, para apressar o fim dos Impérios Coloniais, o que significará debilitamento do capitalismo internacional, do Estado, das classes dominantes, do patronato e dos colonialistas. Povos colonizados e proletariado metropolitano nada temos que perder com a derrocada das estruturas imperialistas como a da União Francesa. Pelo contrário, a independência nacional dos territórios coloniais deve considerar-se uma das condições indispensáveis da emancipação social, pois, cria as possibilidades da Revolução, subtraindo um povo ao domínio do aparelho de repressão de um Estado imperialista. A nós corresponde acelerar o advento da Revolução trabalhando pela realização de outra condição indispensável à emancipação social: ajudando os povos coloniais a darem vida a uma organização específica revolucionária.

Funcionamento interno. Cada grupo se revezará, por período de um ano, nas tarefas de relação orgânica. A tesouraria confiar-se-á a um grupo geogràficamente vizinho.

Designação de encargos. Encarrega-se o grupo de St. Germain das funções de relações (correspondência e edição de um Boletim Interno). O grupo Kronstadt encarrega-se da tesouraria (material e tôda finalidade prática) e do trabalho de documentação ideológica. Encarregar-se-á imediatamente de preparar a edição de folhetos com os textos comunisto-anarquistas que faltam aos militantes. Publicará um suplemente que se adeqüe à atualidade. O mesmo grupo Kronstadt editará um Boletim de discussão ideológica emanada dos grupos e que poderá circular no exterior. Enviá-lo-á diretamente aos grupos. O grupo de Macon encarerga-se da documentação política e a remeterá diretamente aos grupos sob a forma de circular. Dois companheiros ficam adjuntos aos grupos de Macon, com o qual se achará em contacto direto para as documentações econômicas necessárias.

Adesões — No caso de solicitar **um grupo inteiro ingresso**, comunicar-se-á o fato a tôda a Federação e será a Federação inteira a que decidirá.

Adesão individual. O grupo é soberano para julgar do ingresso.

NOTA DE AÇÃO DIRETA. — Ação Direta, de pleno acôrdo com as idéias e fins dos G. A. A. R. francêses, felicita o anarquismo francês pela criação dessa organização grupal específica, acentuadamente revolucionária e entusiásticamente faz votos de que se multipliquem em tôda a Franca e dêem ao anarquismo francês êsse cunho revolucionário que tanto lhe está faltando: Nós, anarquistas brasileiros, amordaçados por uma ditadura férrea, disfarçada em democracia, com LEIS TRABALHISTAS sufocantes, com sindicatos duramente escravizados ao Ministério do Trabalho e à Polícia, só podemos esperar liberdade de um movimento anárquico internacional forte que derrube as leis fascistas do mundo inteiro. Aos companheiros dos G. A. A. R. nosso apôio integral.

"PARA MAIOR GLÓRIA DE SATANÁS"

Pedro Botelho Junior, responsável pela secção que vínhamos publicando com o título acima, entrou em férias regulamentares e partiu para... o Inferno, em visita oficial a seu pai espiritual.

Por êsse motivo, não temos dado seqüência à sua colaboração, o que esperamos fazer dentro em breve, pois já nos comunicou que brevemente estará de volta, bem disposto e com as energias retemperados para a luta. Traz consigo uma lista enorme de candidatos ao reino de seu pai que, aqui na terra, continuam na prática condenável da exploração de seus semelhantes.

Agradecemos, em seu nome, a correspondência recebida, o que vem demonstrar o interêsse com que são lidos os comentários que AÇÃO DIRETA publica para que a Verdade, com V maiúsculo, tenha a mais ampla divulgação.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis